

PATRIMÔNIO AMEAÇADO

FORTE ORANGE CAI NO ESQUECIMENTO

O projeto de restauração do monumento, construído durante a ocupação holandesa em Pernambuco, foi anunciado em janeiro de 2001, mas ainda não saiu do papel

CLEIDE ALVES

Anunciado em janeiro de 2001, o projeto de restauração do Forte Orange, na Ilha de Itamaracá, Litoral Norte de Pernambuco, revelou-se um fiasco. A fortaleza, que abrigaria auditório, lanchonete, livraria e museu para exibição de vídeos e mostras culturais sobre a ocupação holandesa em Pernambuco (1630-1654) continua do mesmo jeito. Nenhum dos equipamentos prometidos para aproveitar o potencial turístico e histórico do lugar foi instalado.

"Pela experiência que tenho, duvido que alguma coisa comece a ser feita ainda este ano. Não creio que venha algum dinheiro para a obra até dezembro", declara o presidente da Fundação Forte Orange, José Amaro de Sousa Filho. Artesão e ex-presidiário, ele toma conta do lugar desde 1980 e é conhecido como o guardião do forte.

Por cinco anos, de 1998 a 2003, o imóvel foi administrado pela Fundação de Apoio ao Desenvolvimento da Universidade Federal de Pernambuco (Fadep/UFPE). Com o fim do contrato, a Fundação Forte Orange, criada por José Amaro em 1991, reassumiu a administração do lugar. Hoje, a fortaleza sobrevive apenas com a renda da bilheteria e, segundo o guardião, o dinheiro é insuficiente. O ingresso custa R\$ 2.

O projeto de restauração do forte estava previsto para ser executado em três etapas – contenção do avanço do mar, pesquisa arqueológica e restauração da fortaleza. A escavação, coordenada pelos arqueólogos Marcos Albuquerque (UFPE) e Oscar Hefting (Holanda) foi realizada. Os pesquisadores tra-

balharam no pátio central, na parte superior do imóvel, nas paredes e na área externa.

Do forte original holandês, eles resgataram trechos da parede de terra, a porta de entrada e a cacimba que abastecia de água os soldados. A porta era de pedra e ficava voltada para o Canal de Santa Cruz. O trabalho conclui que o forte erguido pelos flamengos em 1631 de taipa (barro e madeira) tem o desenho parecido com a construção portuguesa atual.

Após a expulsão dos holandeses, em 1654, os portugueses reconstruíram o forte em pedra, com dimensões maiores. As escavações começaram em janeiro de 2002, foram suspensas em março, recomeceram em outubro e terminaram em 2003, com recursos do governo holandês. O resultado da pesquisa serviu de subsídio para o projeto de restauração arquitetônica, que foi elaborado pelo arquiteto José Luiz Mota Menezes.

Construído há 373 anos, o Forte Orange é um monumento nacional. O superintendente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), Frederico Almeida, informa que está finalizando um termo de cooperação técnica com o Banco do Nordeste para elaboração do plano de gestão do forte e planos complementares (cultural, museográfico).

"Também está em andamento projeto para captação de recursos", diz Frederico Almeida. Ele disse que o valor da obra ainda não está definido. Três anos atrás, a Fadep havia estimado o projeto de recuperação do monumento em R\$ 7,6 milhões, sendo R\$ 1,9 milhão para a escavação e R\$ 5,7 milhões para a restauração do imóvel.



DESCASO O tempo passou e a fortaleza ainda não ganhou museu, lanchonete, auditório e livraria prometidos



DEDICAÇÃO José Amaro mantém com esforço o Forte Orange desde 1980. "Vou sair de novo atrás de verba", diz

Ex-presidiário que zela pelo lugar quer verba de Portugal

A história do Forte Orange é marcada por períodos de abandono. O imóvel foi restaurado em 1696, 1777, 1817, 1966 e 1973. Em 1980, novamente abandonado, o forte começou a ser mantido pelo artesão e ex-presidiário José Amaro de Sousa Filho. Em 1991, ele viajou até Brasília em busca de recursos para recuperar o monumento. "Na época, ninguém acreditava, mas consegui recursos da Embaixada da Holanda para fazer os sanitários", recorda.

José Amaro avisa que no próximo ano tentará recursos com o Senado português para restaurar a fortaleza. "Vou correr de novo atrás de dinheiro", declara. Conforme o artesão, embora o projeto de restauração não tenha sido executado, o estado de conservação do forte não é ruim. "Está tudo no lugar", garante.

Ele disse que está apenas esperando uma definição sobre a administração do lugar. "A Fundação Forte Orange está tomando conta, mas não assinou contrato de permissão de uso", comenta. Gilcinele Sousa, vice-presidente da fundação, acrescenta que há três anos ficou acertado que o forte seria gerenciado por um conselho, formado por diversas entidades.

"Estamos aguardando uma definição do Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) quanto ao conselho e à restauração do forte. É verdade que a obra já deveria ter começado, mas os recursos do Ministério da Cultura são poucos para a quantidade de monumentos. É difícil alçar verba."

FOTOS: BETO FIGUEIROA/JC IMAGEM